

TILO

Sou uma Mestre de Especiarias.

Também sei lidar com as outras coisas. Minerais, metais, terra, areia e pedra. As pedras preciosas com o seu brilho frio e cristalino. Os líquidos, cujos matizes nos ofuscam até não conseguirmos ver mais nada. Aprendi a lidar com todos eles na ilha.

Mas as especiarias são a minha paixão.

Conheço-lhes as origens, o significado das cores e os aromas. Consigo identificar cada uma delas pelo nome primordial, quando a Terra se partiu como se fosse pele e se ofereceu ao céu. O seu calor corre-me no sangue. Do *amchur* ao *zafran*, elas obedecem às minhas ordens. Basta um murmúrio e elas revelam-me as suas propriedades ocultas, os seus poderes mágicos.

Sim, todas elas têm a sua magia, até as especiarias americanas que todos os dias atiramos para dentro da panela, sem pensar.

Duvidam? Ah! Esqueceram-se dos velhos segredos das vossas avós. Aqui vai mais um: as vagens de baunilha amolecidas em leite de cabra e esfregadas no pulso protegemo-nos do mau-olhado. E outro: uma pitada de pimenta aos pés da cama em forma de quarto crescente, cura-nos dos pesadelos.

Porém, as especiarias verdadeiramente eficazes são as da minha terra natal, o país da poesia ardente, das penas da cor verde-mar. Dos céus crepusculares brilhantes como o sangue.

É com essas que eu trabalho.

Se se colocarem no meio desta sala e andarem à roda devagar, verão todas as especiarias indianas que existem – até as que já se perderam – aqui reunidas nas prateleiras da minha loja.

Creio que não exagero ao afirmar que não há outro lugar no mundo como este. Esta loja abriu apenas há um ano. Mas já muita gente olhou para ela e creio que sempre assim foi.

Percebo porquê. Virem a esquina pronunciada da Esperanza, no sítio onde os autocarros de Oakland param de repente, e verão. Perfeitamente enquadrada entre a estreita porta gradeada do Hotel Rosa's Weekly, ainda enegrecida pelo incêndio de há um ano, e a Loja de Reparações de Máquinas de Costura e de Aspiradores de Lee Ying, com o vidro da montra partido entre o R e o e. Uma montra com manchas de gordura. Letras furadas que dizem BAZAR DE ESPECIARIAS. castanhas, cor de lama seca. Lá dentro, paredes cobertas de teias de aranha, onde se vêem quadros descorados de deuses, de olhos tristes e sombrios. Latas cujo brilho já desapareceu há muito, cheias de *atta*, de arroz *basmati* e de *masoor dal*. Filas e filas de cassetes de vídeo, com filmes, que voltaram todos à época do preto e branco. Peças de tecido tingido com cores muito antigas, como o amarelo do Ano Novo, o verde das colheitas, o vermelho que dá sorte às noivas.

E, aos cantos, acumulados entre bolas de algodão, expressos por aqueles que aqui entraram, os desejos. De todas as coisas da minha loja, eles são os mais antigos. Porque até aqui neste novo país que é a América, nesta cidade que se orgulha de ter apenas a idade de um sobressalto, desejamos sempre as mesmas coisas.

Também eu sou responsável por isso. Também eu pareço ter estado aqui desde sempre. É o que os clientes vêem quando entram, ao desviarem-se do molho de folhas verde-plástico de mangueira que está pendurado à porta para dar sorte: uma mulher curvada, cuja pele é da cor da areia velha, atrás de um balcão de vidro cheio de *mithai*, os doces da sua infância. Tal como saíam da cozinha da mãe. *Burfis* verde-esmeralda, *rasogollabs* brancos como a aurora e, feitos de farinha de lentilhas, *laddus* que se assemelham a pepitas de ouro. Parece razoável que eu sempre tenha estado aqui, que eu perceba sem palavras a saudade que eles têm dos caminhos que resolveram deixar para trás quando escolheram a América. A vergonha dessa saudade, como o gosto levemente amargo que fica na boca quando mastigamos *amlaki* para refrescar o hálito.

Eles não sabem, evidentemente. Não sabem que eu não sou velha, que este simulacro de corpo que recebi no fogo de Shampati quando jurei tornar-me Mestra não é meu. Reclamo as suas pregas e nódulos tal como a água reclama as pequenas ondas que a enrugam. Eles não vêem, debaixo das tampas fechadas, os olhos que brilham por um momento – não preciso de nenhum espelho proibido (pois os espelhos estão vedados às Mestras) para mo dizer – como uma fogueira sombria. Os olhos são só meus.

Não. Há mais uma coisa que é minha. O meu nome, que é Tilo, uma abreviatura de Tilottama, pois deram-me o nome da semente de sésamo polida pelo sol, uma semente nutritiva. Eles não sabem isto, os meus clientes, nem que eu já tive outros nomes.

Às vezes sinto um peso, como se fosse um lago escuro e gelado, quando penso que neste país imenso não há uma única pessoa que saiba quem eu sou.

Então, digo com os meus botões: «Não faz mal. É melhor assim.»

– Lembrem-se de que vocês não são importantes – dizia a Velha, a Primeira Mãe, quando nos ensinava na ilha.

– Nenhuma Mestre é importante. O importante é a loja. E as especiarias.

A loja. Mesmo para aqueles que nada sabem do quarto interior com as suas prateleiras sagradas, secretas, a loja é uma viagem ao país do «podia ter sido». Uma autocomplacência perigosa para um povo de pele escura que veio de algures, ao qual os verdadeiros americanos podem perguntar: «Porquê?»

Ah, o apelo desse perigo!

Eles gostam de mim porque sentem que eu compreendo esta situação. Também me odeiam um pouco pelo mesmo motivo.

E depois, as perguntas que eu faço. À mulher gorda de calças de poliéster e túnica da Safeway, com um carrapito apertado, quando ela se inclina sobre uma pequena pilha de malaguetas verdes, que remexe com determinação:

– O seu marido já arranjou outro emprego desde que foi dispensado?

À jovem que entra apressada com um bebé apoiado na anca e vem comprar *dhania jeera* em pó:

– A hemorragia continua? Quer alguma coisa para isso?

Apercebo-me do choque eléctrico que agita o corpo de cada um, e que é sempre o mesmo. O rosto assusta-se como se eu tivesse pousado as mãos no delicado contorno oval do queixo e da face e o tivesse virado para mim. Embora eu não o tenha feito, evidentemente. As Mestras não podem tocar naqueles que vão ao seu encontro. Não podem perturbar o eixo delicado do dar e do receber no qual assentam as suas vidas precárias.

Por instantes, olho-os fixamente e a atmosfera que nos rodeia torna-se imóvel e pesada. Algumas malaguetas caem ao chão, espalhando-se como uma torrencial chuva verde. A criança contorce-se nos braços da mãe, a choramingar.

O olhar afasta-se lentamente, movido pelo medo, pela necessidade.

«Bruxa», dizem os olhos. Sob as pálpebras semicerradas recordam as histórias contadas em surdina à noite, junto da lareira, nas suas casas de aldeia.

– Por hoje é tudo – diz-me uma mulher, esfregando as mãos nas coxas salientes cobertas de poliéster, estendendo-me uma embalagem de malaguetas.

– Chiu, bebezinho *rani* – cantarola a outra, entretida com os caracóis emaranhados da criança até eu lhe fazer a conta.

Têm o cuidado de virar a cara ao sair.

No entanto, voltarão mais tarde. Depois do anoitecer. Batem à porta fechada da loja que cheira aos seus desejos e pedem para entrar.

Introduzo-as no quarto interior, o tal que não tem janelas, onde guardo as especiarias mais puras, aquelas que apanhei na ilha para tempos particularmente difíceis. Acendo a vela que está sempre a postos e procuro as estrias escuras da raiz de lótus e o *methi* em pó, a pasta de funcho e a assa-fétida tisonada pelo sol. Canto. Administro. Rezo para afastar a tristeza e o sofrimento como ensinou a Velha. Dou conselhos.

Foi por isso que saí da ilha onde cada dia continua a ser misturado com açúcar e canela, onde cantam pássaros com goelas diamantinas e onde o silêncio quando cai é leve como a névoa da montanha.

Saí para vir para esta loja, onde juntei tudo o que é preciso para sermos felizes.

Contudo, antes da loja havia a ilha, e antes da ilha, a aldeia, quando eu nasci.

Há quanto tempo! Naquela estação seca, naquele dia em que o calor ressequia os campos fofos e gretados, e a minha mãe se contorcia no colchão pedindo água.

Depois veio o trovão azul-aço e o relâmpago em ziguezague que rachou a velha bânica na praça do mercado da aldeia. A parteira deu um grito ao ver o capuz de veias

arroxeadas que me cobria a cara, e o adivinho abanou a cabeça e olhou, desolado, para o meu pai, naquela tarde de chuva.

Deram-me o nome Nayan Tara, «Estrela do Olho», mas a expressão dos meus pais estava carregada de desilusão por ter nascido mais uma rapariga, e ainda por cima da cor da lama.

Embrulharam-me num pano velho e deitaram-me de barriga para baixo. O que trazia eu à família a não ser a dívida do dote?

Os aldeãos levaram três dias a apagar o fogo no mercado. E a minha mãe continuava cheia de febre, o leite das vacas secou e eu chorei até me darem a beber leite de uma burra branca.

Talvez fosse por isso que comecei a falar tão cedo.

E a ter o dom da visão.

Ou foi a solidão, a necessidade que deu lugar à raiva numa rapariga de pele escura que vagueava pela aldeia, sozinha, sem ninguém que se importasse com ela ao ponto de lhe dizerem «não faças isso».

Eu sabia quem roubara *Banku*, o búfalo do aguadeiro, e qual a criada que dormia com o patrão. Sentia onde havia ouro enterrado na terra e sabia por que é que a filha do tecelão deixara de falar desde a última lua cheia. Disse ao *zamindar* como é que havia de encontrar o anel que perdera. Avisei o chefe da aldeia que haveria inundações antes de elas chegarem.

Eu, Nayan Tara, o nome que também significa «Aquele que Vê as Estrelas».

A minha fama espalhou-se. Das povoações vizinhas e de mais longe, das cidades que ficavam do outro lado das montanhas, vinham pessoas para que eu lhes mudasse a sorte com um toque da minha mão. Traziam-me presentes nunca vistos na nossa aldeia, presentes tão generosos que os aldeãos falavam deles durante dias. Sentei-me em almo-

fadas bordadas a ouro e comi em pratos de prata cravejados de pedras preciosas, e pensei como era fácil habituarmos-nos à riqueza e como parecia estar certo de que eu o fizesse. Curei a filha de um homem poderoso, predisse a morte de um tirano, fiz desenhos no solo para que os marinheiros continuassem a ter ventos favoráveis. Quando olhava para eles, via homens feitos, a tremer e a rojar-se aos meus pés, e também isso parecia fácil e certo.

E foi assim que cresci altiva e voluntariosa. As musselinas que usava eram tão finas que passavam pelo buraco de uma agulha. penteava-me com pentes feitos da casca das grandes tartarugas das Andamane. Mirava-me longamente em espelhos com molduras de madrepérola, embora soubesse bem que não era bela. Esbofeteava as criadas se elas eram lentas na execução das minhas ordens. À hora das refeições, comia os melhores bocados e atirava os restos para o chão, para os meus irmãos apanharem. A minha mãe e o meu pai não se atreviam a exprimir a sua fúria porque tinham medo do meu poder. Mas também porque gostavam da vida de luxo que ele lhes proporcionava.

E quando li isso nos seus olhos senti desprezo e uma sensação amarga de triunfo nas entranhas, por ser então a primeira quando começara por ser a última. Havia mais outra coisa, uma tristeza profunda e muda, mas afastei-a e ignorei-a.

Eu, Nayan Tara, que há muito esquecera o outro significado do meu nome: «Flor que Nasce à Beira da Estrada Poirenta.» Que não sabia então que este seria o meu nome por pouco mais tempo.

Entretanto, os *bauls* ambulantes cantavam os meus hinos, os ourives gravavam a minha efígie em medalhões que eram usados por milhares de pessoas para dar sorte, e os marinheiros atravessavam os mares subjugados e levavam histórias dos meus poderes a todas as terras.

Foi assim que os piratas souberam da minha existência.